

A Existência Por Um Traço:

A Gramatização da Comunicação em Bernard Stiegler¹

Luis Felipe Silveira de ABREU²

Alexandre Rocha da SILVA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo propõe uma apresentação do pensamento de Bernard Stiegler a partir de suas reflexões sobre a escrita, a Comunicação e a técnica. Discípulo de Jacques Derrida e continuador de seu projeto gramatológico, Stiegler nos oferece uma concepção semiótica de um mundo tracejado, constituído por rastros discretos inscritos em suportes midiáticos – o que chamava de um processo de *gramatização*. Através de pesquisa bibliográfica exploratória, reconstituímos a formação do conceito em seu pensamento. Ao final, de modo a demonstrar as potências heurísticas de tal teoria, o texto também realiza uma análise-piloto a partir de suas ideias, realizando uma leitura da performatividade algorítmica como expressão contemporânea da escrituração comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: gramatização; rastro; gramatologia; Bernard Stiegler; Comunicação.

Quase ao final de seu *A caverna dos sonhos esquecidos* – documentário sobre a Caverna de Chauvet, sítio arqueológico com as mais antigas pinturas rupestres já descobertas, datando de 32.000 a.C. –, Werner Herzog indaga Jean-Michel Genest, diretor do instituto de pesquisa do local. Poderíamos mesmo entender aqueles desenhos como uma espécie de “princípio” da humanidade? Mas aí, antes disso, caberia perguntar, como o faz o cineasta, “O que é a humanidade?”. A resposta de Genest parece atravessar os tempos, justo como aqueles traços:

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). E-mail: paraluisabreu@gmail.com.

³ Pesquisador do CNPq (bolsista produtividade), professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FABICO/UFRGS. É editor da Revista Intexto e coordenador do Diretório CNPq Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). E-mail: arsrocha@gmail.com.

A humanidade é um modo de se adaptar com, no mundo. A sociedade humana precisa se adaptar à paisagem, a outros seres, os animais, a outros grupos humanos. E precisa comunicar algo, comunicar e inscrever a memória em coisas muito específicas e duras, como paredes, pedaços de madeira, e ossos. [...] Com a invenção da figuração, figuração de animais, de homens, de objetos... é uma forma de comunicação entre humanos, e com o futuro, para além do passado. Transmitir informação, isso é muito melhor que a linguagem, que a comunicação oral. E essa invenção continua a mesma no nosso mundo, hoje... Como essa câmera, por exemplo.

Ao comparar Herzog a um Cro-Magnon desenhando nas paredes da caverna – e a si próprio, enquanto imagem fílmica, ao desenho de um bisão ou de um urso – Genest rasura, em um só movimento, sobre conceitos como *Comunicação, informação, representação, mídia e linguagem*.

Gostaríamos de aqui propor um exercício de escrita semelhante, tendo também por veículo a ideia de *inscrição*.

A inscrição: o ato de riscar, gravar em uma superfície uma espécie de cicatriz, a ser lida em seu volume. Essa ideia, de potência óbvia para o pensamento semiótica, vem marcando (com o perdão do trocadilho) nossas pesquisas nos últimos anos, expressão do caráter pragmático do pensamento sígnico. Aqui, gostaríamos de nos deter frontalmente sobre ele, a partir da perspectiva singular de Bernard Stiegler.

Stiegler: filósofo, professor, dono de bar e ladrão de banco (cf. STIEGLER, 2008a). O pensador, morto em 2020, não parece ter uma apreciação brasileira à altura do impacto que suas ideias introduziram na pesquisa e no fazer comunicacional a partir de *Técnica e tempo* (STIEGLER, 1998). Até a data de escrita deste texto, nenhum de seus livros foi traduzido ao português.

Tomando por gancho essa oportunidade de apresentação, bem como a paulatina contaminação de nossas pesquisas pela leitura de suas ideias, gostaríamos aqui de articular um ponto central de sua obra – e performativamente adequado ao momento: a inscrição simbólica e técnica como forma de vida.

Começemos com esse encontro com o mestre, como uma passagem de bastão ou de tocha.

Em suas entrevistas com seu orientador Jacques Derrida, gravadas pelo Instituto Nacional de Audiovisual (INA), em 1992, posteriormente reunidas em *Écographies de la télévision* (2002), Stiegler começa o diálogo com uma remissão: a televisão, assunto em pauta, é parte do problema da tecnologia, sobretudo da *teletecnologia*, termo que Derrida já aplicava em sua reflexão sobre a escritura⁴. Que relação seria possível estabelecer entre essas mídias? E quais as especificidades de cada uma? (DERRIDA; STIEGLER, 2002, p. 36-37).

O interesse pelo desenvolvimento tecnológico, a escrita como modelo, o problema dos fatos e dos rastros técnicos: essa rápida pergunta parece condensar pontos importantes para o pensamento de Stiegler. Aluno de Derrida, o filósofo, dentre seus interlocutores, é aquele que mais levou adiante o aspecto metonímico da escritura, tomando a gramatologia *ao pé e ao largo* da letra. Lendo ali um “chamado analítico”, define o “princípio heurístico da gramatologia” (STIEGLER, 2008b, p. 30) em duas camadas: (1) a necessidade de estabelecimento da arquiescritura para além de um conceito restrito de escrita; e, aí, (2) o imperativo de desestabilizar o caráter metafísico de todo o fenômeno, a partir de então entendido como inscrição material. Isso a transforma em um campo de estudos amplo, abarcando fenômenos tão distintos quanto a fotografia, a nanotecnologia, e o Antropoceno, para além do próprio fenômeno textual e da linguística (cf. STIEGLER, 2008b; 2018). Nesta apresentação, ao aproximar Stiegler das problemáticas da Comunicação, gostaríamos de demonstrar a capacidade dessa gramatologia “expandida”, acedendo ao potencial não apenas epistemológico quanto *analítico* da teoria.

Tais linhas são traçadas a partir do maior projeto de Stiegler, a trilogia *Técnica e tempo* (STIEGLER, 1998; 2008b; 2010), onde lê um dilema originário da filosofia na separação entre *epistême* e *tékhné* – disputa sempre resolvida em favor da primeira. A técnica, como excluída da reflexão, permanece como um impensado; mas não obstante age, tem efeitos concretos nas relações e na própria noção de sujeito e categorias afins. O primeiro volume, *A falha de Epimeteu*⁵, organiza essa ideia por meio do mito de

⁴ A escritura como *modelo da telecomunicação*, conforme já frisamos anteriormente (ABREU; COLLING; SILVA, 2020).

⁵ *La faute d'Épiméthée* no original. As edições internacionais optam por traduções variadas do polissêmico “*faute*”: em inglês a aproximação “*The fault of Epimetheus*” e em espanhol o poético “*El pecado de Epimeteo*”. Pela falta de uma

Epimeteu, titã da mitologia grega responsável por criar os animais e distribuir entre eles atributos. Ao chegar ao homem, última das criaturas, porém, o distraído Epimeteu havia já gasto todas as características – problema que seria remediado por Prometeu, seu irmão, que roubou o fogo dos deuses e o concedeu à humanidade, imbuindo-a do atributo artificial da *capacidade técnica* (cf. STIEGLER, 1998, p. 187-188). A essência da humanidade é não-essencial; é uma *prótese* – e esse caráter se estende a toda invenção vindoura, pois necessariamente derivada dessa apropriação inicial.

O homem mitológico com o fogo, e o homem paleontológico com as pedras de lascas: esse mito de criação do homem pela técnica ecoa a ideia de criação da linguagem pela escrita – devedora, sobretudo, das investigações de André Leroi-Gourhan (1983), uma das principais fontes de Stiegler, junto a Derrida, Gilbert Simondon e, em outra chave, Martin Heidegger.

Nas suas belas páginas sobre a libertação da mão, Leroi-Gourhan aponta que a evolução dos hominídeos e sua colocação em pé permite o começo da manipulação: dá início ao uso de técnicas e ao desenvolvimento de tecnologias. É essa inesperada capacidade que vai permitir, direta e também colateralmente, uma série de mudanças físicas e cognitivas que *inventam a linguagem*. “O utensílio para a mão e a linguagem para a face são dois polos de um mesmo dispositivo” (LEROI-GOURHAN, 1983, p. 32), é a fórmula que define essa reflexão.

Alongando essa discussão, Stiegler (2009, p. 27) passa a falar de um *imperativo da exteriorização*: “Não existe interioridade que preceda a exteriorização, muito pelo contrário: a exteriorização constitui o interior como tal, isto é, distingue-o e o configura”.

A história da cultura é a história do desenvolvimento técnico, que é a história da *inscrição da memória*. A escrita instaura a *hipomnésia*, a invenção de uma rememoração mediada por suportes alheios à consciência. Essa história técnica da memória é também uma história técnica da Comunicação, como a entendemos: inscrição material em um meio, que se desprende do enunciante – de sua consciência, de sua intencionalidade, mesmo de seu corpo – na direção de um receptor, ele também ausente, que deverá recomençar a cadeia. Com Stiegler entendemos que essa Comunicação, ou toda Comunicação, é ao mesmo tempo derivada e instauradora. Derivada, pois necessita da existência de uma *mnemotécnica* específica, da técnica de arquivamento *possível* ao

versão em português, arriscamos aqui a ideia de *falha*: pela fidelidade à descrição do mito e por reforçar a noção de uma *abertura*, uma ausência originária que é forçosamente suplementada.

momento: o desenho rupestre para os povos originários, a escrita alfabética para o homem greco-romano, a impressão para o homem gutenberguiano, a explosão de tecnologias cognitivas, do GPS ao Google Calendar, para *nós*.

Essa “memória expandida” que molda, in-forma o arquivo como suporte e também como resistência. Stiegler se referirá frequentemente à *retenção terciária* (2009) ou *epifilogênese* (1998), a rememoração em terceiro nível, para além da lembrança individual ou da memória genética. Nesse nível, situam-se as técnicas, como a escrita, e abre-se a possibilidade para a linguagem:

Um sílex talhado se forma na matéria inorgânica organizada por essa talha: o gesto técnico *engrama* uma organização que se transmite via o inorgânico, abrindo pela primeira vez, na história da vida, a possibilidade de transmitir saberes adquiridos individualmente, mas por uma via não biológica. Essa memória técnica é epifilogênética; ela é ao mesmo tempo o produto da experiência individual epigenética e o suporte filogenético da acumulação de saberes, constituindo o *phylum* cultural intergeracional (STIEGLER, 2009, 31-32, grifos nossos).

O gesto *engrama*, quer dizer que o gesto traça, “*rastreja*”. Os processos de constituição desses *meios de memória e in-formação*, Stiegler passará a pensar, cada vez mais, sob a noção de *gramatização*.

O termo aparece pela primeira vez no terceiro volume de *Técnica e tempo* (2010, p. 145), e é tomado ao linguista Sylvain Aurox. Em *A revolução tecnológica da gramatização*, Aurox (2009) descreve a passagem do discurso falado ao escrito por meio da invenção da gramática e da dicionarização, processo que singulariza a linguagem e revoluciona as formas de comunicação (cf. p. 70). Se aí há ainda um eco do fonologocentrismo criticado por Derrida, Stiegler subverte a noção ao pensá-la como um processo mais profundo, base de toda técnica, por descrever o modo de formação dos *rastros*. Para ele, “a gramatização é o processo pelo qual os fluxos e as continuidades, que tecem as existências, são ‘discretizados’ (tornados discretos). A escritura, como ‘discretização’ do fluxo da palavra, é um estágio da gramatização” (STIEGLER, 2009, p. 27, grifo do autor).

Mas a fala, a *phone*, é já também uma gramatização, no que quebra o fluxo das imagens mentais tanto em fonemas quanto em gestos físicos de vocalização (e aí vemos como Stiegler inverte, desconstrói a metafísica também de Aurox) – e isso ajuda a demonstrar como a discretização “ameaça” a todos os signos, não apenas aos verbais. O

“antes” de uma gramatização é sempre o “antes do antes”, na direção de outras condições de enunciação e articulação – e esse processo seria rastreável até as pinturas de cavernas no Paleolítico Superior, como as de Lascaux analisada por Leroi-Gourhan ou as de Chauvet filmadas por Herzog, também referidas por Stiegler (2018). Tais desenhos seriam *gramas*, rastros que dão a entrever o fluxo de consciência, observações e sonhos – a arquiesscritura. Assim, a gramatização é uma tendência técnica, como já afirma Stiegler (2016, p. 29), ou ainda, uma arquitendência, que organiza e direciona as outras tendências na sua decomposição em rastros diversos – uma realização da *história do suplemento* proposta por Derrida, mas segundo Stiegler (2018, p. 94) nunca realizada.

A escrita alfabética gramatiza a fala, de mesmo modo que a cibernética gramatiza o fluxo informacional em funções e códigos, e a genética gramatiza a biologia em genomas e cadeias – para retomarmos os três grandes exemplos de campos de inscrição da *Gramatologia*. Além destes casos, Stiegler gosta de destacar a gramatização do trabalho manual em gestos mecânicos, aludindo ao processo de proletarização descrito por Marx (cf. STIEGLER, p. 2009, p. 27). É este processo específico que abre também a gramatização para além do conceito “original” de Auroux: para Stiegler, gramatizar não é apenas discretizar um fluxo, mas é também tornar esses traços *reproduzíveis* – iteráveis, como diria Derrida (1991), sendo a repetibilidade a condição da comunicabilidade.

Por meio dessas duas características, a leitura dos processos de gramatização permite situar fenômenos contemporâneos dentro de uma história das mnemotecnologias, permitindo sua análise na observação de regularidades e rupturas – tendo até um aspecto quase preditivo, ao poder especular possíveis inovações midiáticas refletindo sobre fluxos informacionais existentes e a emergência de meios técnicos que possam discretizá-los de distintas formas⁶:

Essa gramatização do gesto – que é a base do que Marx descreve como proletarização, ou seja, como perda de “saber-fazer” (*savoirfaire*), que continua com os aparelhos eletrônicos e digitais, como gramatização de todas as formas de saberes, na forma de mnemotecnologias cognitivas, onde os saberes linguísticos se tornam tecnologias e indústrias do tratamento automático das línguas, assim também o “saber-viver” (*savoirvivre*), isto é, os comportamentos em geral, do *userprofiling* à gramatização dos afectos - é o que conduz ao capitalismo cognitivo das economias hiperindustriais de serviços (STIEGLER, 2009, p. 27).

⁶ Stiegler faz menções recorrentes ao próprio trabalho junto ao Instituto de Pesquisa e Inovação ou ao Centro Georges Pompidou, onde foi responsável pela curadoria de mostras e ciclos sobre “o futuro da tecnologia” (STIEGLER, 2009; 2018).

A partir daqui, com essa menção ao *userprofiling*, podemos pensar o papel da *digitalização* neste pensamento. A escrita em código binário como linguagem de programação parece acelerar e radicalizar a gramatização, ao realizar uma *ultradiscretização* e ao gerar rastros de um potencial combinatório infinito: “Se, como propus, o conceito de gramatização pode ser estendido a todas operações que ‘discretizam’ um fluxo contínuo, então a digitalização é uma gramatização generalizada, ocorrendo em uma velocidade fenomenal⁷” (STIEGLER, 2018, p. 242).

Por aí, entendendo a gramatização digital como uma espécie de programação ampla da cultura, Stiegler transforma a própria teoria em uma *programa crítico*: se “a informática deve ser entendida, de mesmo modo, como uma técnica de formalização do já-aí⁸” (STIEGLER, 2008b, p. 110), a tarefa do pesquisador e do crítico é entender como tal formalização se dá: desenroscar os fios, seguir os rastros.

Aí chega-se à capacidade heurística da teoria da escritura, conforme esboçada por Derrida e desenvolvida por Stiegler, na sua interface com a reprodutibilidade técnica e com as tecnologias de informação. Ler a *escritura depois da letra* como existência e resistência da *escritura antes da letra*; ao analisar fenômenos de comunicação enquanto rastros, que gramatizam fluxos informacionais e que atualizam, via continuidades e diferenças (reinscrevem/reescrivem), tendências técnicas anteriores, podemos ter uma visada mais completa do ecossistema midiático⁹.

A gramatização digital oferece-se aqui como a oportunidade de um exemplo mais detido. Sendo uma espécie de paroxismo de todos os outros processos de gramatização – condensando suas características, gramatizando todas as gramáticas predecessoras e reduzindo-as a um rastro mínimo –, ela incorpora suas características e as leva para outro lugar. Todas as superfícies ao nosso redor tornaram-se literais *telas de escrita* (STIEGLER, 2018, p. 173).

⁷ No original: “If, as I have proposed, the concept of grammatization can be extended to all operations that ‘discretize’ a continuous flow, then digitalization is a generalized grammatization occurring at phenomenal speed”.

⁸ O conceito de já-aí – *déjà-là*, no original francês, traduzido ao inglês como *alreadythere* – refere-se à condição de “falta original” da humanidade: a memória técnica é um já-aí na medida em que sempre se fez presente, que é tão primária quanto a memória biológica. A nomenclatura guarda relação com o *ser-aí* (*dasein*) heideggeriano, mas subvertendo a ideia de uma essencialidade do ente, como se vê.

⁹ Há já algumas perspectivas epistemológicas e/ou metodológicas semelhantes na área: essa concepção de uma tradutibilidade entre diferentes fatos/meios/mídias traz a lembrança, por exemplo, da tétade de McLuhan (1988) ou da ideia de remediação de Bolter e Grusin (2000). Uma aproximação entre a teoria da escritura e essas demais teorias, mais estabelecidas na pesquisa em Comunicação, parece uma próxima etapa a se fazer.

No prefácio do livro de Yuk Hui (2016) sobre os objetos digitais, em que sua teoria comparece de modo decisivo, Stiegler expressa de modo explícito essa síntese: “O algoritmo pertence à história daquilo que, a partir de Sylvain Auroux, chamo de processo de gramatização: o meio digital e completamente reticulado é a fase mais avançada dessa gramatização¹⁰” (STIEGLER, 2016, p. XI). A problemática dos algoritmos, candente na área da Comunicação hoje, devido a seus impactos sócio-culturais cada vez maiores, encontra aqui uma perspectiva singular de leitura. No que ela consiste? No que impacta para a compreensão desses obscuros objetos digitais – e, aí, na via de mão dupla dessa perspectiva, o que auxilia na própria compreensão da escritura e da gramatização?

Em um primeiro lance de proto-análise, seria importante destacar a *performatividade algorítmica*, aquilo de que normalmente se fala nas referências críticas ao algoritmo, referindo-se ao problema da coleta, organização e mercantilização dos dados. Para Stiegler, isso reflete o estágio atual da história da escritura: estamos todos nós *escrevendo a todo momento*, lidando com sistemas técnicos operando em tempo real, 24/7 (cf. STIEGLER, 2016, p. 139). Entende-se melhor aí a força do caráter performativo de uma teoria da Comunicação que passa pela escritura derridiana: a operação dos algoritmos, como ponta de lança do ecossistema midiático hoje, seria uma expressão acelerada da ideia de que o comunicar não é uma transmissão de mensagem, mas a constituição de uma máquina produtora, que comunica ao inscrever – e a comunicação e a inscrição se confundem a um só momento (cf. DERRIDA, 1991, p. 20).

O que é a performance no atual estágio da digitalização? Quase toda interação, seria possível dizer. Curtidas em redes sociais, compartilhamento de notícias, acessos a produtos em sites de vendas, visualização de anúncios: todos esses gestos inscrevem uma informação sobre o usuário-remetente-inscritor em questão (cf. PARISIER, 2011; GILLESPIE, 2014). Esse é o estado da “indústria dos rastros” (STIEGLER, 2016, p. 22) contemporânea, calcada na produção contínua de traços que alimentam os bancos de dados – e estes, no estágio atual de sua composição relacional, alimentam-se dessa interação para afinarem seu funcionamento:

¹⁰ No original: “*The algorithmic belongs to the history of what, after Sylvain Auroux, I call a process of grammatization: the digital and thoroughly reticulated milieu is the most advanced stage of this grammatization*”.

[...] nesta forma de capitalismo digital que é a governabilidade algorítmica, alguém produz um rastro, muitas vezes sem consciência de fazê-lo, por exemplo, ao inserir uma pergunta em um mecanismo de busca ou ao enviar uma mensagem, o sistema interativo que eles usam para gerar a mensagem antecipa suas palavras, suas frases, e assim por diante, o que é dizer que o ultrapassa e o assalta¹¹ (STIEGLER, 2018, p. 177).

Esse momento da operação algorítmica, na captura de certas ações, constitui a chamada mineração de dados (*data mining*), que podemos ler aqui como uma primeira gramatização nesse processo: a quebra em unidades discretas e replicáveis (os dados propriamente ditos) de um fluxo contínuo e instável (a própria experiência do uso). E, como toda gramatização em curso, torna-se coercitiva, quase compulsória: de mesmo modo que a gramática conforma/in-forma a capacidade expressiva, é praticamente impossível utilizar a internet sem produzir rastros capturáveis – e a conformação ou resistência a esse processo informa nossas práticas (gerir alertas de preços em sites de venda, comprar passagens aéreas em abas anônimas, utilizar um VPN, etc.) e gera diferentes modos de inscrever nessa superfície.

Tais inscrições não são inocentes ou livres, e no contexto da governabilidade algorítmica resultam na criação de perfis computacionais (*profiling*). Esses perfis, com seus “efeitos de identidade” (cf. PARISIER, 2011; BRUNO, 2013), organizam os traços de interação na constituição de uma figura do usuário, a ser inserida no sistema, sujeita às interações do programa: recebimento de ofertas, sugestão de conteúdo, controle de acessos, etc. O algoritmo funciona operando uma síntese entre os rastros, destaca Hui (2016, p. 235), na direção da constituição desses perfis. Tal aspecto sintético da escritura estaria presente já nas suas primeiras interpretações, lembra Derrida (2017, p. 343): “A história da escritura seguiria então o progresso contínuo e linear das técnicas de abreviação”. Mas o que concepção desconstrutiva, *dyferencial* da escrita (e da Comunicação, insistimos) nos permite entender melhor é não só o caráter *representacional* dessa síntese, mas sua *capacidade de criação*.

O sujeito inventado pelo perfil, como uma espécie de profecia autorrealizável da mitologia, *não é* o “sujeito real” (embora essa frágil nomenclatura fosse já questionável). É um sujeito inteiramente performativo, descolado (portanto, em *dyferença*) do usuário

¹¹ No original: “[...] in this form of digital capitalism that is algorithmic governmentality, someone produces a trace, often without being aware of doing so, for example, by entering a query into a search engine or sending out a message, the interactive system they use to generate the message anticipates their words, their phrases, and so on, which is to say that it outstrips and overtakes them”.

que fez os cliques, constituído por uma leitura particular, realizada pela plataforma algorítmica em questão, de seus dados. O perfil, como *efeito* do movimento de um(s) rastro(s), é a própria mensagem comunicacional, que viaja descolada de seu momento de performance: “Mas é preciso lembrar que o indivíduo surge como um alvo *a posteriori*, sendo antes um efeito do processo de monitoramento. Neste sentido, as identidades previstas nos perfis são simulações e *não representações fiéis ancoradas num referente*” (BRUNO, 2013, p. 169, grifos nossos.).

Esse processo, assim como o da inscrição, é análogo ao funcionamento da “engramação” original: “Em suma, não são os gramáticos que inventam a gramatização, mas a gramatização, como um acontecimento essencialmente técnico, que produz os gramáticos¹²” (STIEGLER, 2014, p. 54). A digitalização produz os engenheiros da informação: e se os engenheiros da informação na web 2.0 e seus bancos de dados relacionais somos *nós*, ao alimentar a máquina com dados, a digitalização nos produz. Mas nós já não somos exatamente nós, ou não somos *apenas* nós.

O modelo da tele-comunicação de Derrida retorna: o perfil se constitui numa ausência de seu “objeto inicial” – e esse só seria recuperável por outro processos de mineração/gramatização, que por sua vez poderia gerar ainda outros perfis distintos. Além disso, o perfil é sempre produzido com o objetivo de uma remessa futura: ele é lido e transformado pelo programa que o recebe. A Comunicação, entendida em seus termos, é essa estrutura de disseminação, onde traços produzem mais traços, em um processo infinito e infinitesimal, onde os objetos/conteúdos/mensagens já seriam eles mesmos rastros, de um ciclo de comunicação anterior. Aí reside toda sua potência e também todo seu perigo. Como atualização diferida da escritura, toda tecnologia, afirma constantemente Stiegler, é um *phármakon*: veneno e remédio.

De volta à *Caverna*, lemos outra cena, outra conversa. Desta vez, Herzog ouve o arqueólogo Julien Monney, um dos responsáveis pelo projeto de digitalização das imagens do interior de Chauvet. Ele diz: “Nosso maior objetivo aqui é criar histórias sobre o que pode ter acontecido na caverna, no passado”. Ao que o cineasta provoca: “É como

¹² No original: “*In short, it is not the grammarians who invent grammatization, but grammatization, as an essentially technical occurrence, which produces the grammarians*”.

se você estivesse criando o guia telefônico de Manhattan. Quatro milhões de verbetes precisos – mas eles sonham, eles choram a noite? Quais são suas esperanças? Suas famílias? Você nunca saberá disso a partir do guia telefônico”. Monney responde, em uma inesperada concordância vinda de um “cientista das origens”: “Não, nunca saberemos, porque o passado está definitivamente perdido. Nunca vamos reconstruí-lo. Podemos apenas criar uma representação do que existe agora, hoje”.

A resposta, simples, direta, do “desenhista de cavernas” pode servir aqui como uma parábola para rever e fechar este texto. Vemos aí como o rastro não oferece uma possibilidade de “reconstrução”, senão de invenção. As pinturas na caverna, os nomes em uma lista, uma manchete de jornal, os dados de minhas interações no Facebook: não há nessas inscrições que não sua própria existência material. O referente só se pode reconstruir retroativamente, e mesmo assim permanece como uma interpretação – outra inscrição. E isso vale não apenas para a linguagem verbal, prendendo a escrita a um logocentrismo há muito falido. Se as noções em jogo – escritura, gramatização, etc. – são ainda devedoras da metalinguagem científica da linguística é porque todo conceito tem uma história. Mas não se prende a ela, insistimos: pode (deve) construir outra *estória*.

Lembremos as palavras de Genest, o outro cientista de Chauvet: a comunicação como figuração (e isso inclui todas tecnologias, da pedra à câmera) dá-se entre os sujeitos, mas sempre na direção de um *futuro*. O que parece importar é a capacidade de *contarmos histórias* a partir do que lemos nesses sinais.

Talvez seja esse o valor de uma Comunicação calcada no conceito de escritura – e essa parece uma história ainda por fazermos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luis Felipe Silveira de; COLLING, Giovanna dos Passos; SILVA, Alexandre Rocha da. "A Estrutura Grafemática da Comunicação": notas de um pensamento comunicacional em Jacques Derrida. In: XXIX Encontro Anual da Compós, Campo Grande, 2020. Anais eletrônicos, Campo Grande/MS, 2020.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

DERRIDA, Jacques; STIEGLER, Bernard. **Echographies of television**. Cambridge: Polity Press, 2002.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Campinas: Papirus, 1991.

GILLESPIE, Tarleton. The Relevance of Algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (Orgs.). **Media technologies** : essays on communication, materiality, and society. Cambridge/Londres: MIT Press.2014.

HUI, Yuk. **On the existence of digital objects**. Minneapolis/Londres: University of Minnesota. Press, 2016.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**, vol. I – Técnica e Linguagem. Porto: Edições 70, 1983.

MCLUHAN, Marshall; MCLUHAN. **The laws of media**. The new science. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

PARISER, Eli. **The Filter Bubble**: what the Internet is hiding from you. Nova York: The Penguin Press, 2011.

STIEGLER, Bernard. **Acting out**. Stanford: Stanford University Press, 2008a.

STIEGLER, Bernard. Anamnésia e hipomnésia: Platão, primeiro pensador do proletariado. **ARS**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 22-41, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3059/3748>>.

STIEGLER, Bernard. **Automatic society**, vol. 1: The future of work. Cambridge/Malden: Polity Press, 2016.

STIEGLER, Bernard. Foreword. In: HUI, Yuk. **On the existence of digital objects**. Minneapolis/Londres: University of Minnesota. Press, 2016. p. VII-XIV..

STIEGLER, Bernard. **Symbolic Misery**, vol. 1: The Hyper-industrial Epoch. Cambridge/Malten: Polity Press, 2014.

STIEGLER, Bernard. **Technics and Time**, vol. 1: The fault of Epimetheus. Stanford: Stanford University Press, 1998.

STIEGLER, Bernard. **Technics and Time**, vol. 2: Disorientation. Stanford: Stanford University Press, 2008b.

STIEGLER, Bernard. **Technics and Time**, vol. 3: Cinematic time and the question of malaise. Stanford: Stanford University Press, 2010.

STIEGLER, Bernard. **The Neganthropocene**. Londres: Open Humanities Press, 2018.